

PORTUGAL EM POEMA PELA PENA DE *LORD GEORGE NUGENT GRENVILLE*. A HISTÓRIA DA HISTÓRIA COLHIDA NO CAMPO DE BATALHA

*Investigadora Doutora ISABEL LOUSADA**

Mais de 200 anos volvidos, após a batalha do Buçaco, (27 de Setembro de 1810), diversas iniciativas no âmbito das comemorações do bicentenário da 3.^a invasão francesa têm trazido ao debate novas e diversificadas contribuições científicas, culturais, artísticas e literárias.

A efeméride suscita a curiosidade de públicos muito diferenciados o que é sempre estimulante. A produção escrita dá conta de um assinalável recrudescimento em volta do tema, como algumas das imagens agora recuperadas para a nossa comunicação ilustram¹. Contudo, alguns anos antes, o CETAPS, Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, à época, CEAP, Centro de Estudos Anglo-Portugueses, fora pioneiro na divulgação de temas e obras relacionando o que a História e a Literatura haviam dado a conhecer, no respeitante aos Estudos Anglo-Portugueses e à temática em epígrafe. Saliente-se, em especial, o mestrado desenvolvido em torno das campanhas napoleónicas visando colmatar lacunas sobre o conhecimento relativo à presença britânica no nosso país e à imagem que os relatos dos militares nelas envolvidas haviam dado conta. Vários foram os documentos científicos produzidos (nomeadamente teses e comunicações), alguns dos quais foram depois editados. A obra assinada por Gabriela Gândara Terenas, *O Portugal da Guerra Peninsular – A Visão dos Militares Britânicos (1808-1812)*, dada ao prelo em Junho de 2000, em muito veio suprir essa lacuna, pois a um só tempo se propôs conciliar temáticas complementares, reunindo os aspectos que a literatura de viagem e os testemunhos de guerra oferecem.

De modo idêntico, também o nosso estudo se situa na convergência destes dois pólos de análise: o relato de viagem e o testemunho de guerra. *O Portugal de Lord George Grenville*

* Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, Mestre e Doutora em Estudos Anglo Portugueses pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É investigadora Auxiliar de nomeação definitiva daquela Universidade e está integrada no CESNOVA – Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa/Linha de Investigação Faces de Eva. Faz parte do Conselho Redactorial da Revista com título homónimo: *Faces de Eva*. Estudos sobre a Mulher, publicação em que a partir de 2009 desempenha o cargo de Secretária da Direcção. Foi uma das fundadoras da Associação Portuguesa das Mulheres Empresárias (APME) e da Federação de Mulheres Empresárias e Profissionais de Portugal (FMEPP) e filiada na *International Federation of Business and Professional Women* (IFBPW). É autora de diversos estudos na área da sua investigação entre os quais enunciamos: “A Batalha de Adelaide Cabete em *A Batalha*: higienismo no feminino”, 2008; “Adelaide Cabete: entre a eugénica e eugenética na defesa da Res publica”, 2009; “Em fazenda verde-rubras ...”. In *A Maçonaria e a Implantação da República*, 2009.

¹ As imagens aludidas destinaram-se a acompanhar a intervenção oral, tendo sido propositadamente elaborado um documento em formato *power point* para essa ocasião.

(1788-1850)² faculta, simultaneamente, a imagem do nosso país, desenhado pela pena de um militar britânico, cujas impressões, colhidas no campo de batalha, constituem uma narrativa centrada na arena do conflito que opunha as tropas invasoras francesas às forças aliadas Anglo-Portuguesas.



Retrato de George Nugent Grenville por Thomas Lawrence.

<http://www.artilim.com/artist/lawrence-thomas/portrait-of-george-nugent-grenville-lord-nugent.aspx>

Naturalmente, a fonte principal que sustenta a presente comunicação encontra-se acessível em texto policopiado, sob o título *Portugal e a Inglaterra num poema inglês do século XIX*, dissertação de mestrado apresentada à UNL – FCSH, em 1988, e cuja investigação desenvolvemos, por essa altura, em Portugal e em Inglaterra.

A pertinência do tema da apresentação resulta clara para o encontro que o acolhe, tanto mais que o poema épico não fora objecto de análise no trabalho supramencionado de Gabriela

² 30 Dezembro 1788 – 26 de Novembro 1850.

Terenas³, tendo permanecido no esquecimento, sendo praticamente desconhecido da crítica portuguesa. Resgatemos então, para o século XXI, George Grenville, em Portugal.

O homem e a obra serão justamente evocados.

O facto de vários membros da família Grenville terem sido baptizados com o nome George torna mais ínvia a pesquisa tendente a precisar dados biográficos acerca deste homem⁴. O estudo em torno do autor permite que nos situemos no início do século XIX, perante uma realidade histórico-social aparentemente semelhante à descrita por tantos outros viajantes. Contudo, o seu interesse advém fundamentalmente do facto de o texto em estudo ser o único poema em inglês, de considerável extensão, cujo tema é Portugal e que aponta para o género épico. *Lord George Nugent Grenville* não deixou de expressar o seu modo de ver o nosso país, assumindo simultaneamente o estatuto de viajante britânico. *Portugal* é uma das suas várias produções literárias.

George foi a um só tempo, um viajante, um político e um escritor, e é nesta tríade que se articula o texto que oferece sobre *Lusía*, nome de origem remota, de um país situado no extremo de uma Europa fustigada pelo avanço das tropas napoleónicas.

Educado em Oxford, ingressou no Brasenose College, onde se revelou aluno dedicado e com bom aproveitamento. Interessado na Antiguidade Clássica, desde cedo se mostrou empenhado em assuntos muito para além desse período, invocando o seu saber na defesa da justiça social e da liberdade de credo, muito em particular dos católicos, baseando-se nos fundamentos de uma jurisprudência conforme à defesa dos direitos humanos; aliás, serão essas duas das grandes linhas de orientação pessoal, a marcar o seu percurso. É sua a expressão⁵ “[...] the Christian’s best rule of Action are the Dictates of his religion and the Englishmen’s best standard of Appeal the Laws of its country.”⁶ deixando saber como a legislação da “velha Albion” era um pilar inalienável – meritório exemplo.

Grenville não chegou nunca a ser um político de renome, sobretudo se comparado com a estatura e a preponderância das actuações quer de seu pai, quer de seu irmão, Richard.

³ Tal facto encontra-se justificado decorrendo da decisão da autora optando por restringir o seu *corpus* excluindo os textos redigidos em poesia.

⁴ No respeitante a este particular cumpre assinalar que cerca de duas dezenas de anos fazem muita diferença em relação aos auxiliares de pesquisa e recursos como a internet, na altura inexistentes, para o clarear de algumas incongruências. A árvore genealógica revela de imediato terem o pai e o avó partilhado o primeiro nome com George Nugent Grenville. Ainda assim, importa notar que os dados da pesquisa coligidos para a tese de mestrado em torno do autor, se encontram actualizados.

⁵ Sempre que surgirem citações em língua estrangeira apresentar-se-á em nota o respectivo trecho traduzido em versão portuguesa.

⁶ “[...]O melhor princípio de Acção do Cristão são os ditames da sua religião e o melhor princípio de Petição de um Inglês são as Leis do seu país.” George Grenville, *An Essay on Duelling*, pp. 25-26.

Permaneceu no Parlamento por Aylesbury, até à dissolução do mesmo em 1832. A partir de 1830 foi também *Lord of the Treasury*, e em 1832 foi nomeado *Lord High Commissioner of the Ionian Islands*, o que lhe mereceu a Grã-Cruz de S. Miguel e S. Jorge. A sua actividade política, e mais do que esta, as suas convicções transparecem invariavelmente nos diversos escritos por si assinados, desde cartas particulares a publicações de carácter panfletário. Registemos a este propósito a luta empreendida na defesa do *Habeas Corpus*, batendo-se pela abolição da pena de morte⁷ e envolvendo-se em variadas manifestações contra a escravatura. São, aliás, assaz conhecidas as posições abolicionistas acarinhadas no círculo familiar mais alargado das “Grenvillites”. Também desde cedo se manifestou contra os castigos infligidos aos católicos romanos devido à sua confissão religiosa. Consistentemente advogou os ideais liberais, tendo inclusive subscrito as reclamações dos liberais espanhóis, ao mesmo tempo que militava na ala dos *Whig*. A par de escritos sobre a movimentação social, religiosa e política, cedo foram surgindo trabalhos de carácter literário.

Grenville foi um homem dedicado ao estudo, à família e aos ideais (a que repetidamente alude), com uma tenacidade constante até aos últimos dias da sua vida. Se, do ponto de vista literário, não marcou lugar de relevo, no entanto pela seriedade com que se empenhou em todas as suas actividades e pelas suas qualidades humanas deixou uma recordação indelével, entre os seus contemporâneos.

Em conclusão, podemos reconhecer em George Grenville, com similar preponderância, as facetas próprias de um militar e de um político, que sendo um intelectual, era também um viajante e um escritor cuja complexidade e diversidade concorrem para que a sua figura tenha sido singular. Existe grande coerência entre as componentes que constituem a definição do seu perfil como indivíduo. Não obstante as mais controversas opiniões acerca da sua actuação, em termos gerais, alguns aspectos da sua imagem suscitaram total acordo: os que derivavam da sua convivência nos círculos sociais em que se movia e que foi expressa nos seguintes termos: “In truth, a kinder heart, a more genial disposition, a more manly and honourable spirit, never existed than *Lord Nugent*’s; and no man ever excited more affectionate private regards.”⁸

A par da sua carreira política, Grenville foi sempre mantendo actividade no domínio literário, pese embora o facto de nenhuma delas ter sido um *best seller*. Note-se o peso do enquadramento político face à recepção das suas obras, um caso acutilante poderá ser lembrado à troca de argumentos entre Robert Southey (1774-1843) e Grenville, a propósito da obra *Memorials of John Hampden*⁹, tendo este último retorquido: “I have now gone

⁷ Recorde-se ter sido o nosso país um dos primeiros da Europa a abolir, definitivamente, em 1867, a pena de morte.

⁸ “Na verdade, nunca existiu um coração mais bondoso, uma índole mais amável, um espírito mais forte e honrado do que os de *Lord Nugent*; e não houve homem que alguma vez tivesse suscitado mais afectuosas estimas pessoais.” John Forster, “Memoir of *Lord Nugent*” in *BOHN’S Historical Library*, London, Henry G. Bohn, 1860, p. LXXV.

⁹ Grenville, George, *Some Memorials of John Hampden, his Party and his Times*, 2 vols., London, J. Murray, 1832.

through the principal points of Mr. Southey's attack. He accuses me, in general terms, of speaking of the Parliamentary party of those times (Hampden's) in a tone of exaggerated eulogy, and very disparagingly of the Royalists. This is a question of opinion and of taste, which I will not dispute with him. I certainly thought very much the contrary, and I think so still. [...] Mr. Southey may, if it please him, think me a radical; – at all misted into whiggism: he will not accuse me of having been shamefully pensioned into toryism.”¹⁰

O percurso de George Grenville não está totalmente documentado, mas se aceitarmos que o texto de *Portugal* é um testemunho directo do Buçaco e da batalha que lá se travou, terá vindo primeiro a Portugal, onde regressou depois de uma ida a Cádiz. Uma carta do Marquês de Buckingham (1753-1813) a Lord Grenville (1712-1770), datada de 24 de Outubro de 1810, pressupõe a sua presença na Península: “I begin to the very impatient for news from Lisbon, for Berkeley's letters as well as those of my son, have taught me to very sanguine in my belief that Massena's¹¹ provisions must compell him to attack Lord Wellington¹² to Great disadvantage”¹³

Mas a indicação mais concreta acerca da vinda a Portugal de George Grenville aparece numa carta de Thomas Grenville a Lord Grenville, datada de 26 de Novembro de 1810 e em que se refere:

Moreover, the present prevailing opinion is that Massena will certainly succeed in establishing an intercourse with the Alentejo. My brother has a letter from George, of 3rd, from Cadiz, where the French force of gunboats is becoming formidable. George is going with young Grattan¹⁴ for a month to Africa, and then to Lisbon.¹⁵

¹⁰ “Eu já tive oportunidade de me debruçar sobre os pontos principais do ataque do Sr. Southey. Ele acusa-me, em termos gerais, de falar do partido Liberal daqueles tempos (de Hampden) num tom de exagerado elogio e muito depreciativamente dos Conservadores. Isto é uma questão de opinião e de gosto, sobre a qual não discutirei com ele. Eu certamente pensei deveras o contrário e ainda assim penso. [...] O Sr. Southey pode, se assim o entender, tomar-me como um radical; e tudo se turva para o *whigismo*: ele não me acusará de me ter vergonhosamente convertido ao *toryismo*.” *A letter to John Murray Esq. from Lord Nugent, touching an Article in the last Quarterly Review, on a book called “Some Memoirs of Hampden, his Party and his Times”, London, 1832, pp. 13-14.*

¹¹ André Masséna, Prince d'Essling (1758-1817).

¹² Arthur Wellesley, Duke of Wellington (1769-1852).

¹³ “Eu começo a estar muito impaciente por notícias de Lisboa, pelas cartas de Berkeley, assim como as do meu filho, que me ensinaram a estar muito confiante na minha crença de que as disposições de Masséna irão forçá-lo a atacar Lord Wellington para Grande prejuízo.” *Report on the Manuscripts of J.B. Fortescue Esq. preserved at Dropmore, Historical Manuscripts Commission, vol. X, Hereford, 1910, p. 59.*

¹⁴ Trata-se do Tenente-Coronel Neil Talbot, natural de Malahyde, Dublin, Irlanda; morto em combate em Sexmiro a 11 de Julho de 1810, durante o cerco em Cidade Rodrigo. Pertencia, por essa ocasião, ao Regimento de Cavalaria Britânico – 14th *Light Dragoons*, que comandava.

¹⁵ “Além disso, a presente opinião predominante é a de que Masséna irá certamente ter êxito no estabelecimento de uma rede de comunicação com o Alentejo. O meu irmão tem uma carta de George, do dia 3, de Cádiz, onde a força francesa de canhoneiras se está a tornar impressionante. George irá com o jovem Grattan a África por um

Oportunamente serão partilhados dados complementares, ainda em estudo, a este propósito. No entanto, lembramos a descrição oferecida pelo tenente-coronel Nuno Correia Barrento de Lemos Pires¹⁶, capaz de iluminar a ligação entre a família Grenville e as operações na Península.

A oposição liberal ao Governo do Duque de Portland, encabeçada por Grenville e Gray e sustentada por influentes homens de negócios da City, insistia na retirada do Corpo Expedicionário Britânico de Portugal, a que juntavam argumentos sobre os elevados custos de manutenção.¹⁷

As suas inclinações não foram seguidas pelo que os militares britânicos se mantiveram, como sabemos, na Península contando-se entre eles, George Grenville, o autor que descreverá pormenorizadamente a batalha do Buçaco e os momentos que a antecederam. Daremos agora espaço ao relato testemunhado.



Jorge Colaço (1868-1942) é o autor do azulejo alusivo à batalha do Buçaco integrado num ciclo existente no Hotel Palace, relativo às Invasões; assina o trabalho em 1907.

Grenville assume uma atitude arrojada ao tentar o género épico, numa altura (século XIX)

mês, dirigindo-se em seguida para Lisboa.” *Report on the Manuscripts of J.B. Fortescue Esq. preserved at Dropmore, Historical Manuscripts Commission*, vol. X, Hereford, 1910, p. 76.

¹⁶ “A Invasão de Massena, Buçaco e as Linhas de Torres Vedras” in *Actas do Congresso 28-29 de Outubro 2002, Guerra Peninsular...*, 2005.

¹⁷ “A Invasão de Massena, Buçaco e as Linhas de Torres Vedras” in *Actas do Congresso 28-29 de Outubro 2002, Guerra Peninsular...*, 2005, p. 340.

em que este género se encontrava já numa fase de decrescente interesse, embora cumpra preceitos considerados primordiais ao poema épico, nomeadamente no tocante ao requisito “choric”. Talvez por isso, a sua obra tenha tido duas edições¹⁸ no mesmo ano.

Grenville opta por escolher um tema nacional (embora de nacionalidade inglesa, integra o regimento que trava na península ibérica as invasões napoleónicas ao abrigo da mais antiga aliança do mundo: a aliança anglo-portuguesa¹⁹) senão mesmo universal.

Ao descrever a acção militar da batalha do Buçaco, Grenville tem com certeza o intuito de causar admiração no leitor através do efeito de surpresa e do terror, elementos que nos levam ao ambiente próprio do Romantismo e da pena de um romântico. Desde logo poderíamos aludir ao facto de ser o próprio militar quem refere ter sido invadido por uma impressão sublime ao contemplar o cair do dia em Sintra, sentindo-se impelido a escrever. Lembramos ainda como o seu conterrâneo, o escritor e viajante *Lord Byron*, retrata eloquentemente essa paisagem singular imortalizando-a pela sua escrita, e depois dele toda uma plêiade de estrangeiros a quem com suas referências marcou.

Desde a sua publicação, a crítica ao poema foi ambivalente; encontramos no *The Quarterly Review* a mais sarcástica, e em *The Gentleman's Magazine* o tom encomiástico. O recurso à figura de D. Sebastião e a inclusão do maravilhoso levam a crítica a considerar Grenville como um dos mais notáveis bardos ingleses.

1812. (151)

ART. VIII. *Portugal. A Poem; in Two Parts.* By Lord George Nugent Grenville. London, Longman, &c. 4to. pp. 120. 1812.

OUR poets seem resolved not to resign to our soldiers all the laurels of the Peninsula. Though we have not thought fit to introduce to our readers many of those modern Tyrtæi, we have not been inattentive observers of the tuneful campaign which has been prosecuted with almost as much vigour as the actual warfare.

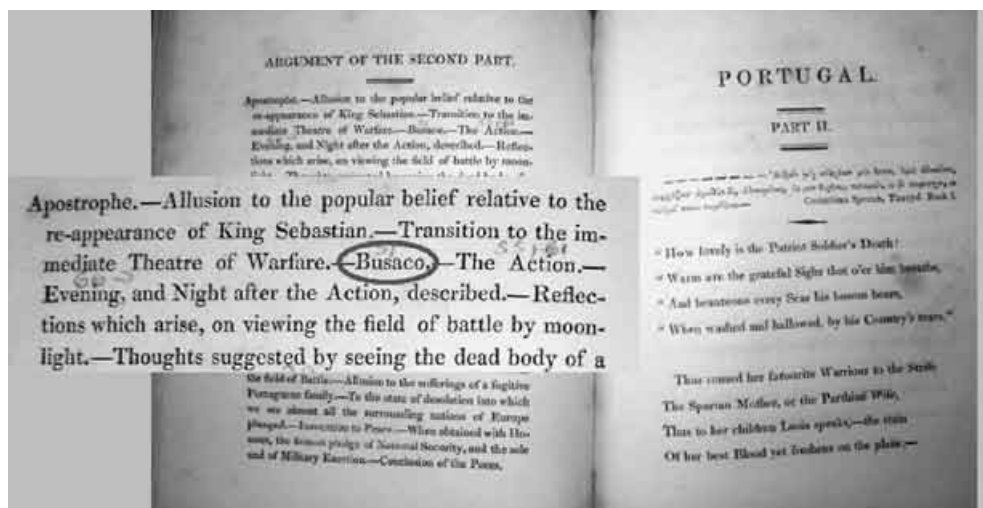
However deficient these effusions may be in poetical merit, (and they are, in general, lamentably so,) they are not without a value of another kind: if they be not calculated to excite the public feeling, they may at least be admitted as some evidence of it. They furnish an humble testimony of the popularity of the cause of the Peninsula, and of the revived military pride of this country. ‘You shall bet-

Recensão crítica a Portugal. A poem. The Quartely Review, vol. VII, 1812.

¹⁸ A primeira edição indica Dezembro 1811, no frontispício, apesar de ser editada em 1812.

¹⁹ A aliança luso-britânica comumente designada por aliança inglesa foi firmada em 1373, entre Edward III de Inglaterra e D. Fernando e D.^a Leonor Telles de Menezes, de Portugal; ratificado pelo Tratado de Ricardo II, rei de Inglaterra, com D. João I, – Tratado de Windsor, em 1386, tornando-se a mais antiga aliança diplomática mantendo-se vigente da Idade Média ao século XXI.

Portugal, poema narrativo dividido em duas partes, às quais o autor não atribui título e ambas precedidas de um sumário a que se alia um texto introdutório geral, para além das notas explicativas de alguns dos versos, constitui o testemunho de um interveniente atento da batalha do Buçaco. Episódios passados e presentes são unidos por esse momento marcante, ponto de confluência de tudo o que é expresso, já que para ele tudo converge, ou tudo dele deriva.



O poema – Prólogo: Batalha do Buçaco

O tom utilizado é grandiloquente. Grenville usa pentâmetros de ritmo predominantemente jâmbico agrupados em estrofes irregulares. O estilo cuidado, rebuscado, conjuga momentos de grande intensidade dramática e beleza com outros meramente redundantes. A unidade temática é conseguida pelos valores e ideais exaltados por Grenville ao longo de todo o poema. Assim, se na primeira parte são engrandecidos os feitos passados dos portugueses, na segunda é exaltada a grandeza coeva da Grã-Bretanha afirmando-se pela acção guerreira dos seus filhos. Os episódios que se desenrolam em torno dele estão envoltos na esperança de que o futuro venha a fazer jus a uma herança fundada nos momentos grandiosos que deixaram traços indeléveis nas nações e nos homens.

Grenville dedica o poema a Wellington, de forma a testemunhar a sua admiração e estima para com esta notável figura. Contudo, ao referir-se ao comandante supremo dos exércitos britânicos, dado que publica a sua obra em 1812, como já referimos, não o designa ainda por Duque, mas por Conde, título nobiliárquico que na altura lhe pertencia. Esta dedicação foi devidamente apreciada por Lord Wellington, que em carta dirigida a Grenville lhe expressa os seus agradecimentos da seguinte forma: “My dear Lord, many thanks for your letter of the 22nd October and your poem, which March delivered to me. I had already

read the letter with the greatest pleasure; and I am highly flattered by your dedication of it to me.”²⁰

Lord Wellington é referência obrigatória para todos aqueles que aludem ao período em epígrafe. O comandante britânico marca presença obrigatória nos relatos de viagem e a imprensa de então era sensível a este facto. Também no poema *Portugal* isso acontece. A admiração pela personalidade insigne e carismática de quem se notabilizou pela actuação nos campos de batalha de uma Europa dilacerada, foram fonte de inspiração para o poeta não só na dedicatória (*To right honourable Arthur, Earl of Wellington*), como ainda em trechos expressivos ao longo da composição. Também faz acompanhar o elogio às tropas inglesas mencionando o nome de outros militares, relevando a forma valorosa como os regimentos ingleses actuaram em Portugal.

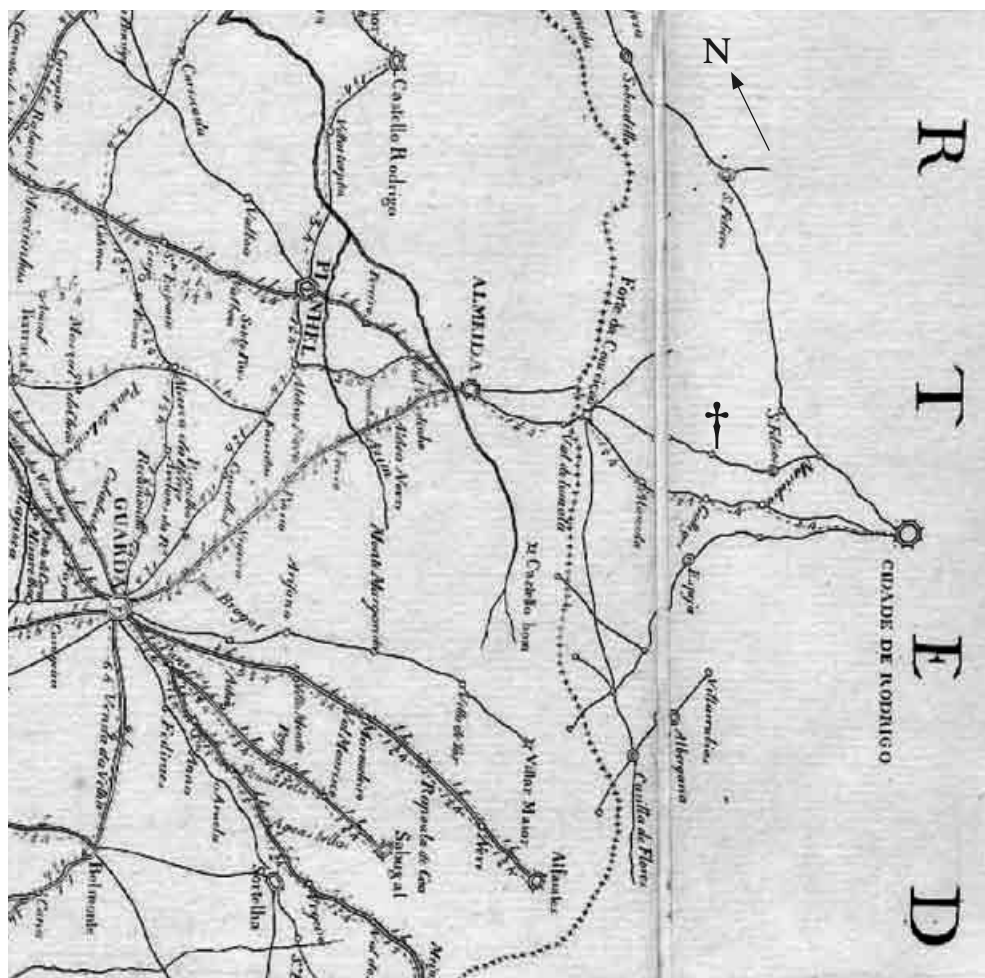
William Carr Beresford²¹ é outra das figuras que o autor salienta através dos seus versos, de modo a destacar a quota parte irlandesa no conflito peninsular, aspecto acentuado em nota ao texto na qual Grenville se revela um admirador inequívoco deste militar, afirmando que Beresford é “não só o orgulho da terra onde nasceu como uma personalidade venerada no país onde o seu talento, a sua rectidão e o seu brio se revelaram de forma tão esforçada.” Naturalmente que essa afeição pela Irlanda tem origens mais profundas, pois sabemos que o título irlandês Nugent pertencia a sua mãe antes de o herdar.

Ao exaltar Beresford Grenville faz necessariamente a apologia da Irlanda, designando-a pela forma arcaica “Erin”. Reconhecendo-lhe o direito de perpetuar um momento glorioso em que foi decisivo o papel desempenhado pelos seus para o coroar da glória militar e triunfo que pertencia não só a ingleses, mas também a irlandeses. Indirectamente, anuncia de igual modo a união de Inglaterra e da Irlanda na defesa de um mesmo ideal, quiçá prenunciando um cessar de conflitos entre os dois. Uma vez aliados em tempos de infortúnio seria desejável sê-lo futuramente. Também Talbot, o tenente-coronel cuja vida se perdera no campo de batalha tão precocemente, é exaltado pelo autor.

²⁰ “Meu caro Lord, muito lhe agradeço a sua carta de 22 de Outubro e o seu poema, que me chegou em Março. Eu já tinha lido a carta com o maior dos prazeres; e estou bastante lisonjeado com a dedicatória que me fez.” John Forster, “Memoir of Lord Nugent”, p. XVIII.

²¹ William Carr, Viscount Beresford (1768-1854).

Sexmiro, lugar onde Niel Talbot morre em combate a 11 de Julho de 1810, entre Almeida e Cidade Rodrigo. Eloy, Romão 1808. *Carta Militar das Principaes estradas de Portugal*. 1808 de Almeida, gravura. Lisboa 1808.



Legenda: N. B. As distancias de hum a outro lugar são notadas de algarismos postos a direita, e esquerda das Estradas.
 Os algarismos seguidos da letra L. indicaão o numero de legoas vulgarmente annunciadas no Pais.
 Os algarismos seguidos da letra h indicaão o numero de horas que hum Homem gasta a pé em andar aquella distancia.
 (Romão Eloy de Almeida Grav. Lisboa, 1808.)

A carreira meritória de Talbot é exacerbada pelo mérito de bravo e destemido oficial. Somente Wellington, Beresford e Talbot são individualizados e, deste modo, se veicula a imagem de Inglaterra corporizada nestes três heróis – insígnies militares.

O poema tem marcas de um escritor romântico, não sendo alheio a esse facto o início da composição poética ter sido ditado por um passeio de fim de tarde em Sintra. Como aludimos. A luminosidade da serra despoleta uma série de sensações e sentimentos inesperados que o autor não é capaz de traduzir, pois a beleza e grandiosidade da natureza circundante suplantam-no, e neste sentido advoga que a natureza é superior à arte, pelo que a não ser por aproximação se possa descrever. Também denunciando o cunho romântico outros aspectos notamos adiante.

O autor exalta o passado histórico português denunciando o estado em que Portugal se encontrava. A crítica político-social é muito próxima da retratada por tantos outros viajantes britânicos, caracterizando os portugueses negativamente como seres letárgicos e com o carácter diminuído, sobretudo incapazes de combater a inércia na grave situação que o país atravessava. O absolutismo havia deixado marcas nefastas na sociedade, agora em declínio, pelo que acusa o governo despótico e uma aristocracia desvirtuada; em contrapartida ressalva as qualidades de quantos bravamente lutam na linha da frente. Também esta abordagem de índole social com orientações para restaurar a nação revela a marca de um romântico. O autor defende que uma nação não pode aspirar à grandiosidade e esplendor se não possuir valores sólidos e coesos, capazes de formar os alicerces a ela inerentes, fundamentais para a unidade e força do seu tecido social. Na sequência da degeneração que atribuiu a Portugal e aos portugueses, a imagem que sobressai dos ingleses é francamente positiva, através do contraste. Assim, e pela apresentação de um soldado exemplar e irrepreensível – Wellington – vem Grenville acentuar as diferenças entre portugueses e ingleses desde as primeiras linhas do poema. A supremacia britânica sobre Portugal é notória. Grenville afirma: “somente a virtude, e a viva compaixão pelas misérias dos outros, neste caso Portugal, podem salvaguardar a sua independência, felicidade e a sua respeitabilidade nacional, porque só elas lhes puderam conceder a verdadeira protecção divina!” As suas convicções são patentes, e ele revela ainda grande sensibilidade face aos danos humanos provocados pela guerra, sobretudo pelas nações atingidas por esse flagelo. A perda da liberdade, a ameaça do jogo estrangeiro, a morte e a desolação suscitam os mais vivos sentimentos de compaixão a Grenville. A descrição que irá fazer da morte de um oficial francês que presenciou é afirmada no sentido de reforçar o testemunho na primeira pessoa e não um relato imaginário.

A forte intenção didáctica e moralizadora é constante. O sentimento de ódio profundo contra a desmedida ambição francesa conduz o autor a fazer a apologia da luta contra o invasor, a ela se referindo nos seguintes termos “Virtuous struggle of Portugal for her independence”²²: para Grenville a guerra só se justifica quando urge defender a pátria que vê

²² “Luta virtuosa de Portugal pela Independência.” Grenville, *Portugal. A poem*. p. viii.

ameaçada a sua independência. Nada legitima a invasão de um país, sobretudo quando esta tem por origem o intuito de formar um império. É no espírito e na letra do tratado anglo-português que a Inglaterra e Portugal são aliados nesse momento contra o invasor.

Primeiramente prometeram [...] e outorgaram que fossem bons, leais, fiéis e verdadeiros amigos para sempre e que se amassem bem e verdadeiramente e que em nenhum tempo não fossem um contra o outro, nem contra os seus reinos e sucessores e herdeiros e que cada um deles fizesse todo o seu poder para arredar dano contra e desfazimento do outro. E logo o dito Senhor Rei prometeu em sua fé real e jurou sobre os Santos Evangelhos por ele corporalmente tanidos [...] e os ditos João Fernandes [de Andeiro] e Roger Hoor, mensageiros e procuradores em nome dos ditos senhores Rei D. João e Duque de Lencastre.²³

Grenville mostra-se interessado tanto na história portuguesa como nas lendas ou mitos, criticando o misticismo e a credice. A lenda de D. Sebastião e a forma como a morte de Inês de Castro se repercutiu na literatura europeia exemplificam o conhecimento que tem das matérias sobre as quais elabora o seu texto²⁴.

A batalha do Buçaco – para este acontecimento converge a primeira parte e nela se encontra a justificação da segunda. Assim, a batalha do Buçaco ocupa uma posição de charneira, estabelecendo uma espécie de simetria no respeitante ao conteúdo temático.



António Ramalho, *Pintura a óleo da Evocação da Batalha do Buçaco*, Museu Militar, Sala da Guerra Peninsular.

²³ Artigo 1.º do Tratado de Tagilde apud Pires, Maria Laura Bettencourt, *Portugal visto pelos ingleses*, p. 55.

²⁴ Chega mesmo a discordar de William Julius Mickle (1735-1788), que cita. A obra publicada no segundo quartel do século XVIII, *The Lusiad; or, The discovery of India. An epic poem*. Trad. From Camoens by William Julius Mickle, em dois vols, foi amplamente divulgada, teve várias reedições na Grã-Bretanha, seguindo-se a *The first book of The Lusiad*; published as a specimen of a translation of that celebrated epic poem, em Oxford, 1770.

“Figh England but for life, and live but to be free!”²⁵ é o modo que encontra para finalizar a sua composição poética, não sem antes ter retratado as praias da Europa como sepultura de soldados, lamentando a perda de vidas que os conflitos bélicos acarretam.

Em relação à batalha propriamente dita, importa notar ter sido uma testemunha ocular; as indicações pormenorizadas dadas por Grenville, a data da batalha, a referência à estada das tropas no Convento do Buçaco (quatro dias antes) são precisas, lembramos ainda a troca de missivas entre Wellington e Grenville tendo o primeiro agradecido, quer a dedicatória, quer o poema. Ainda nessa carta, as expressões “you will have seen [...] that we have had a terrible collection of troops upon us”²⁶ indicam a vivência conjunta de uma mesma realidade: a batalha pelos dois militares, Wellington e Grenville.

George Grenville descreve a noite que antecede a batalha, o dia em que ela se trava e os momentos seguintes: narra o aproximar do exército francês, o início da luta, a solenidade com que as tropas aliadas avançam e conquistam posições, obrigando os exércitos franceses a recuar, a que se segue a exaltação pela certeza da vitória que conduz ao fim do combate²⁷.

Neste poema, a Inglaterra aparece como o grande guia dos portugueses na luta contra os franceses. A imagem do leão britânico, utilizada por Grenville, determina o bom desempenho no combate que se avizinha. A nação aliada assume-se nas palavras do autor como defensora dos ideais da liberdade e independência nacional. A Inglaterra não será dominadora mas cooperante, honrando assim os compromissos daquela que é a mais antiga aliança do mundo, explicitando não ter a Inglaterra sido movida por um interesse mercenário.

A apologia da Inglaterra, o elogio da bravura, da justiça e do empenhamento que conduziu à vitória deixam à margem os portugueses que se batiam nas linhas da frente. Os heróis da guerra são indiscutivelmente os ingleses. “Last not least”, a descrição da morte de um soldado francês serve o objectivo de defesa de valores tão caros ao autor como os direitos humanos que toda a vida defendeu. Assim, transparece um tom humanitário: apresenta a dor que se espelha em ambos os lados da guerra provocada pela desmesurada ambição napoleónica. A terminar, vem a reprovação aos franceses, que querem impor-se pela guerra, mas também à Inquisição que fez valer a sua força pela tortura. Ordem,

²⁵ “Inglaterra, luta somente pela vida e vive apenas para seres livre!” George Nugent Grenville, *Portugal. A Poem. In Two Parts.*, 2nd ed., London, 1812, p. 92.

²⁶ “terá visto [...] que enfrentámos um terrível agrupamento de tropas” John Forster, *op. cit.*, p. XVIII.

²⁷ *Portugal a Poem*, pp. 116-117.

justiça e liberdade reinaram num estado de “paz abençoada” que a Inglaterra é incitada a defender, a todo o custo.

Destaca-se o sentimento de saudade, o patriotismo, agora sintetizado no verso: “To paint it, Albion, like thyself, and think it Home!”²⁸ passando o sentimento da saudade encerra o poema com uma exortação própria de um vate:

Let others toil for Fame, thy veteran Ray
Beams yet undimmed, nor knows, nor fears, decay,
Virtue thy cause, thy birthright Liberty,
Fight England but for life, and live but to be free!²⁹

Para terminar diríamos que George Nugent Grenville foi um humanista que fez da sua vida um hino à paz e à liberdade, um militar empenhado nos direitos humanos e na independência das nações, prezando os valores da cidadania, incitando à defesa da nobreza de carácter nos indivíduos e nos povos, rumo a um futuro de esperança; é este, em suma o homem que no campo de batalha fez de Portugal um poema.

²⁸ “A pintá-la, Inglaterra, como tu, e julgá-la Casa!” George Nugent Grenville, *Portugal. A Poem. In Two Parts.*, 2nd ed., London, 1812, p. 76.

²⁹ “Deixa os outros labutar pela Fama, o teu Raio veterano / Brilha ainda resplandecente, não conhecendo nem temendo a decadência, / A Virtude é a tua causa, o teu direito de progenitura a Liberdade, / Inglaterra luta somente pela vida e vive apenas para seres livre!” Grenville, *Portugal. A poem*, p. 92.

BIBLIOGRAFIA ACTIVA:

- Forster, J. (1860). *Memoir of Lord Nugent*. In *BOHN's Historical Library*. London: Henry G. Bohn.
- Grenville, G. (1807). *An Essay on Duelling composed for the Bachelor's Prize, given by the Chancellor of the University of Oxford*. Buckingham: J. Seeley.
- Grenville, G. (1812). *Portugal. A Poem. In Two Parts* (Second Edition). London: Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown.
- Grenville, G. (1832). *Some Memorials of John Hampden, his Party and his Times*. (2 vols). London: J. Murray.
- Guerra Peninsular – Novas interpretações: da Europa dividida à União Europeia. (2005). Lisboa: Tribuna.
- Lousada, I. (1988). *Portugal e a Inglaterra numa poema inglês do século XIX*. Lisboa: Dissertação de Mestrado apresentada à FCSH – UNL.
- Pires, M. L. (1981). *Portugal visto pelos ingleses*. Lisboa: INIC.
- Southey, R. (1832). *Some Memorials of John Hampden, his Party, and his Times*. By Lord Nugent. In *The Quartely Review* (Vols. XLVII, Mar.-Jul.). London: John Murray.
- Universidade da Califórnia*. (s.d.). Obtido em 24 de Janeiro de 2012, de <http://www.archive.org/stream/portugalpoemintw00nugeiala#page/92/mode/2up>